

PETROLÂNDIA VELHA: ENTRELACES DA MEMÓRIA E FIAÇÕES HISTÓRICAS

Laíze Siqueira Silva¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a ideia de Cultura, baseada em diversas concepções, sejam elas de sentido teórico, etimológico, comum etc., que o termo tem recebido. Também se busca pensar a relação entre “cultura” e “natureza”, ampliando a uma reflexão entre estas e a “memória”. Deste modo, o estudo tem como base bibliográfica o texto “A Cultura é Algo Comum 1958” de Raymond Williams (2015), “Versões de Cultura” de Terry Eagleton (2000), com vistas em “A natureza do Espaço” de Milton Santos (2006) e, considerações sobre as memórias de Petrolândia Velha, cidade pernambucana, inundada pelas águas do Rio São Francisco no ano de 1988. Indica-se, portanto, que dentre outras acepções, a cultura influencia e é influenciada pela natureza, bem como na construção das memórias. E que, chega a conservar certa cumplicidade com o Estado, o que consiste em não manter uma total integração com a sociedade, embora não esteja completamente dissociada. Dentro desta perspectiva, pode ser vista em sua função social até como um dispositivo hegemônico, a chamada cultura de dominação.

Palavras-chave: Cultura. Natureza. Estado. Memória. Petrolândia Velha.

INTRODUÇÃO

O estudo realizado por meio desta pesquisa reflete sobre alguns aspectos relacionados à concepção do que seria “cultura” na visão teórica de pensadores que buscam estudar a relação entre cultura e sociedade: Raymond Williams, pesquisador e crítico literário galês, e Terry Eagleton, filósofo, crítico literário, considerado um dos pais dos estudos culturais britânicos. Reflete-se também sobre as memórias marcadas pelas mudanças ocorridas na natureza do lugar de origem do sujeito, as quais são consequências da ação da cultura, mostrando o quanto somos influenciados por ela. Como também um olhar em Milton Santos, que assegura: “Os tempos sociais tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais” (2006, p. 158).

Em um mosaico de pertinentes concepções, passo a passo vai se desenvolvendo a temática correspondente. Assim, o conteúdo se desenvolve em dois tópicos e um subtópico. O primeiro, trata justamente da associação, por ventura, existente entre a cultura, a natureza e as memórias. Neste caso, entra em evidência a história de Petrolândia Velha – PE, trabalhada no projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido pela autora deste trabalho científico, intitulado: “Petrolândia Velha: Entrelaces da Memória e Fiações Históricas”, que surgiu a partir de conversas com ribeirinhos petrolandenses, remanescentes da “Antiga Cidade”, em que se torna perceptível a consideração de perda e a demonstração saudosa com que rememoram a vida de outrora.

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Endereço eletrônico: laizesiqueira@hotmail.com.

Consequentemente, o segundo tópico traz a seguinte reflexão “Cultivamo-nos ou somos cultivados?”, numa alusão a inter-relação existente entre cultura e Estado, que sugere uma espécie de convencimento das ações exercidas sobre a sociedade. Sobre isso, Eagleton (2000, p. 18) afirma: “O Estado encarna a cultura, a qual, por sua vez, estrutura a nossa humanidade comum”. Deste modo, leva-se a pensar: será que as ideias defendidas individualmente são nossas ou somos cultivados pelas ideias do outro?

Assim, vai se traçando fios de pensamentos numa analogia de conceitos abordados em Terry e Williams, ambos pensadores da cultura popular, como defende o próprio Williams (2015, pág. 12) “Então, quando os marxistas dizem que estamos vivendo em uma cultura moribunda, e que as massas são ignorantes, eu tenho que perguntar como já o fiz, de que lugar do mundo eles vêm. Uma cultura moribunda, massas ignorantes, não foi isso que aprendi, nem o que vejo”.

Por esses e outros viés de pensamentos se darão procedimento os estudos subsequentes.

CULTURA, NATUREZA E MEMÓRIA

A NATUREZA DO LUGAR EM QUE SE VIVERA, TRANSFORMADA ATRAVÉS DA CULTURA

“A natureza produz Cultura, que altera a natureza”
(EAGLETON, 2010, p. 13)

Com o intuito de pensar a cultura, a princípio, Raymond Williams (2015) parte de suas memórias, falando do lugar de origem, as experiências, sua vida de infância, a cultura daquele lugar. Sobre isso escreve: “Crescer naquele lugar era observar a configuração de uma cultura e seus modos de transformação” (WILLIAMS, 2015, p. 04). Fala também sobre suas gerações antecessoras, que foram expulsas de suas terras, de suas casas, passando a conviver com novas relações sociais, novos tipos de trabalho, gerando mudanças no convívio daquelas pessoas.

As memórias podem ser completamente afetadas pelas transformações das ondas de situações vivenciadas por cada indivíduo. E assim como a cultura afeta e modifica a natureza, as “lembranças” são “modificadas” pela vivência que o sujeito passa a ter com o novo, obrigando-o a criar ou recriar uma nova realidade, um novo sentimento positivo ou negativo, dependendo do que os resíduos do passado signifiquem ou tenha significado para esse sujeito.

Pensando na história de Petrolândia Velha, nota-se uma resistência dos ex-moradores quanto ao abandono daquilo que lhes é tão significativo: não apenas o que estava no plano do real, do natural, mas talvez daquilo que a cultura transformou na própria natureza do lugar como também o que fora construído no imaginário, no subjetivo de cada petrolandense. Isso, trata-se da história

desta antiga cidade pernambucana, dantes localizada no submédio São Francisco, que no ano de 1988 seus habitantes receberam a bombástica notícia, por intermédio da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, que todo o território municipal seria inundado por consequência da construção da usina hidroelétrica “Luiz Gonzaga”.

Assim sendo, todos os moradores deveriam abandonar tudo que até então havia sido construído por algumas gerações. O exílio acontece, levando consigo o sentimento de perda, as marcas de uma cultura arada, plantada, semeada no âmago dos exilados. Uma memória que perpassa, transcende o material, o físico e reflete em uma representatividade do “ser”, que a partir dessa desterritorialização não será mais o mesmo, embora, não consiga se desvencilhar completamente de sua história, a conduz para a construção de uma nova trajetória.

Partindo desse processo de construção e reconstrução de uma identidade territorial, é provável que, “se a natureza é sempre de alguma forma, cultural, então as culturas são construídas a partir do tráfico incessante com a natureza a que chamamos trabalho” (EAGLETON, 2000, p. 14). Logo, talvez seja esse tráfico incessante com a natureza, que produza afinidade, o apego ao lugar de origem, que fora transformado ou formado a partir do trabalho, ato que permite cultivar, desenvolver a própria cultura. Por isso, cada detalhe é relembado com esmero, cada pedaço e recanto deste ambiente são memoráveis, já que se trata de uma construção que é parte individual e coletiva destes personagens, nesse caso especificamente, referindo-se aos ribeirinhos de Petrolândia Velha.

Para Milton Santos,

quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo (SANTOS, 2006, p. 157).

Assim, “esse meio natural generalizado era utilizado pelo homem sem grandes transformações. As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação”. No entanto, o homem vai mudando a natureza e até mesmo impondo-lhe lei, como acontece com a cidade supracitada, em que o curso do rio é desviado através das técnicas que atenderão os interesses do desenvolvimento.

Conquanto, para Eagleton (2000, p. 14), “as cidades erguem-se a partir de areia, madeira, ferro, aço, pedra água, e outros materiais semelhantes, sendo, assim, tão naturais quanto as idílicas paisagens rurais são culturais”. Nelas o “fabrico manual” permite que sejam entalhadas e impressas ideologias, crenças, valores bem particulares ou não, de dada comunidade, isto é, que pode ser

considerado como uma cultura própria ou como uma mistura de culturas, que como lavoura crescera, florescera continuamente no seio de uma sociedade.

Ainda conforme o pensamento eagletoniano, vale salientar, que “Os seres humanos não são meros produtos dos meios envolventes, mas estes também não são totalmente moldáveis pela arbitrária automodelação dos primeiros” (EAGLETON, 2000, p. 15). Dentro deste pensamento, é possível perceber que nenhum dos dois é necessariamente agente suficiente sobre o outro. Há um entremeio que permite transitar entre ambos, que diz muito sobre as limitações, bem como sobre as ações e inter-relações que circulam entre os seres humanos e esse meio onde se inserem.

Já a cultura pensada como *autocultura* caminha entre dualidades que estão relacionadas à “matéria do eu”, tornando-se uma condição de autocontrole e ao mesmo tempo de execução em si próprio. Deste modo, a relação existente entre natureza e cultura pode ser pensada como um processo passivo e ao mesmo tempo ativo, em que o indivíduo se assemelha a natureza à maneira que se permite ser moldado e, se afastando dela, aproxima-se da cultura à medida que produz essa transformação, modelagem de si.

Dentro desta perspectiva, a “memória” poderá estar imbrincada em uma relação bem próxima a este conceito. Logo, retrata um passado em que o indivíduo foi construtor e, simultaneamente, foi construído por ele. Assim, as memórias de Petrolândia Velha, presentes não apenas na mente e na oralidade de seus munícipes, como também em vídeos, documentários, arquivos culturais etc., deixam entrever essa associação, em que passo a passo aquela pequena cidade, banhada pelo sol sertanejo e pelas águas São Franciscanas era construída e, talvez numa proporção equivalente, imprimia ou gerava em seus construtores uma dependência não só como condição de fonte de sobrevivência, mas também como fonte emotiva, enfincando raízes culturais no íntimo, no consciente dos que hoje vivem essas lembranças.

Entretanto, os moradores acabaram sendo convencidos a abandonarem seu chão, e então, surge à reflexão do parágrafo seguinte.

CULTIVAMO-NOS OU SOMOS CULTIVADOS?

Eagleton lança o seguinte pensamento: “cultivarmo-nos, contudo, pode não ser apenas algo que fazemos a nós próprios. Pode também ser algo que nos é feito, e não menos pelo estado” (EAGLETON, 2000, p. 17). Isso remete a heterogeneidade que forma a sociedade civil, e que o estado se apropria da cultura para conciliar as divisões “apaziguando seu rancor e refinando as suas

sensibilidades” (EAGLETON, 2000, p. 18). Desta maneira, a cultura é vista em certa supremacia quanto à política.

No entanto, “a cultura, ou o estado, são uma espécie de utopia prematura que abole a luta a um nível imaginário para que ao nível político não seja necessário fazê-lo” (EAGLETON, 2000, p. 18). Por este viés, para os petrolandenses da antiga cidade, serem ludibriados a acreditarem que a transposição para a nova Petrolândia era sinal de progresso a esta comunidade, faz jus à ideia de uma cultura capitalista manipulada pelo Estado. Assim, abandonar todo um constructo de vida em troca de uma “nova civilização”, idealizada, construída pela cultura hegemônica, a cultura do outro, revela ainda mais que “o estado é a presença do universal no domínio individual da sociedade civil” (EAGLETON, 2000, p. 19).

Isso se configura em uma ordem política que modela o humano em uma configuração passiva, súdita, capaz de aceitar e muitas vezes se acomodar, acreditando não ter como lutar contra o poder que favorece os interesses capitalistas, desprezando as camadas populares e seus modos de vida.

Sendo assim, torna-se compreensível que cultivar-se exige determinadas condições e na maioria delas depende-se do Estado, levando esta ação a um âmbito político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tanto, é salutar dizer, que a humanidade científica, acadêmica e popular tem visto a cultura, no meio dos séculos, com uma gama de possibilidades e diversidade de sentidos.

Williams (apud EAGLETON, 2000, p. 20), além de compreender “cultura” em três sentidos modernos: “*CIVILIDADE* – raízes etimológicas no trabalho rural. *CIVILIZAÇÃO* – acepção de um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material. *COSTUME E MORAIS* – boas maneiras e comportamento ético”, também, e de forma mais concisa, entende cultura, a partir das criações, das colaborações humanas, como modo de vida. E, deste modo, desconsidera a supremacia de uma cultura em detrimento de outra.

Em Terry (2000), a cultura é primeiramente pensada como um conceito que deriva da natureza, dando a ideia de cultivar, habitar, cultuar, tanto em um sentido denotativo como figurado no desenvolvimento do saber. Logo em seguida, aparecem outras significações como cumprimento de regras, desconstrução entre si e a natureza, determinismo orgânico e autonomia do espírito, tensão entre fazer e ser feito, negação de determinação, arma ideológica, uma ideia do outro, forma de vida, entre outras tantas.

Portanto, notifica-se também, que a natureza produz cultura e ao mesmo tempo é modificada por ela, e, as memórias são construídas pela cultura ao mesmo tempo podendo sofrer consequências por parte desta. Fala-se da cultura como dominação, exercida pelo poder do Estado, que não averigua o valor do que pertence ao outro, desrespeitando o direito de posse até daquilo que os sujeitos pensam ser próprio, como na história de deslocamento descrita no segundo tópico deste artigo, em que fora mais sensato se chegar a um acordo com o Estado, do que revidar as condições que lhes foram impostas, sem escolhas, presenciar o direito, que junto a cidade fora sucumbido pelas “águas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EAGLETON, Terry (2000). *A ideia de Cultura. Temas e Debates*, Col. Memórias do Mundo, Lisboa, 173 p.
- WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: Cultura, democracia, socialismo*. Editado por Robin Gable; Introdução de Robin Blackburn; Trad. Nair Fonseca; João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- SANTOS, Milton, 1926-2001. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.(Coleção Milton Santos; 1).